

Resumo

Morrer na atualidade tem seguido determinações que muitas vezes rompe com os rituais que historicamente marcaram esse acontecimento na sociedade brasileira. Partindo do que foi pesquisado em um processo de doutoramento, o presente artigo apresenta parte da tese denominada “A experiência, a metrópole e o velho”, verticalizando na discussão relativa a existência de uma tradição religiosa, compartilhada na família de uma das senhoras cuja trajetória de vida foi objeto de análise. A perpetuação da tradição familiar da Trezena de Santo Antônio, na família da depoente da pesquisa, acontece em atendimento a um pedido realizado pela sua irmã, que se encontrava no limiar entre a vida e a morte e retoma sentidos que contemplam também a festividade. Como parte dos ritos da trezena, encontramos a preparação dos sequilhos Bobis, cuja narrativa remete aos sabores que enganam a morte e presentificam os entes queridos ausentes. Tal reflexão se baseia no diálogo com a obra de Walter Benjamin tomando a prática do conselho como uma das dimensões da experiência.

Palavras-chave: experiência; conselho; morte; limiar; memória;

Abstract

Death has followed limitations that often breaks with the rituals that have, historically, marked an event like that in our Brazilian society. Starting from what was investigated in a doctoral research, the present article brings part of the thesis named "The experience, the metropolis and the old people", focusing on a discussion concerning the existence of a religious tradition, shared in one of the participant's family trajectory. The perpetuation of the "Trezena de Santo Antônio" (praying for a saint for 13 days) family tradition, in the participant's family, happens in response to a request made by her sister, who was in the threshold of life and death, and takes up directions that also contemplate the festivity. As part of the rites of the "Trezena" we find the preparation of typical regional cookies, whose narrative refers to the flavors that deceive death and present the loved ones who are absent. Such reflection is based on the dialogue with Walter Benjamin's work of taking the counseling practice as one of the experience dimensions.

Keywords: experience; counseling; death; threshold; memory;

Contexto da pesquisa

Uma dificuldade encontrada após a finalização da tese de doutorado denominada “A experiência, a metrópole e o velho”¹, da qual deriva esse artigo, foi torná-la pública no formato de textos menores. Tal dificuldade decorre da impossibilidade de traduzir de modo sintético o processo de recolhimento das narrativas que deram origem a sua elaboração e que partiram de um grande envolvimento com os velhos² narradores da pesquisa e do extenso registro das suas mais diversas formas de enunciação. Desse modo, recortar a narrativa de um dos depoentes da tese e apresentá-la separadamente das demais parecia uma redução das múltiplas possibilidades interpretativas que estas representavam no contexto do trabalho completo. Por exemplo, os depoimentos que seguem nesse artigo de forma fragmentada são apresentados de modo corrido e completo no corpo da pesquisa e recuperados no momento de sua análise, procedimento que não é possível em um artigo de dimensão reduzida.

Visando romper com essa dificuldade esse artigo instaura inicialmente o desafio de promover um desapego quanto ao processo mais amplo de escrita que uma tese possibilita, além de tentar sintetizar a opção metodológica que orientou o recolhimento das entrevistas analisadas, bem como apresentar minimamente Dona Yara Coelho Sant’Anna, cuja parte da narrativa será objeto de reflexão.

De acordo com a historiadora Lucilia Delgado (2006, p. 20), entre os processos de pesquisa que se valem da história oral como suporte metodológico, costuma-se identificar dois tipos de entrevistas como sendo as mais utilizadas para a produção de fontes orais, a saber: depoimentos de história de vida e entrevistas temáticas.

Ainda é possível apontar uma terceira forma de entrevista que tem sido muito utilizada em programas e grupos de pesquisa e que, de algum modo, orientou o registro do depoimento que será aqui analisado, ou seja, as entrevistas de trajetórias de vida. Tal terminologia foi adotada pela autora supracitada tendo como justificativa a falta de registro já consagrado sobre essa tipologia pela maior parte da comunidade dos pesquisadores “oralistas”. As trajetórias de vida caracterizam-se por serem depoimentos sobre a história de vida dos sujeitos, mas apresentados de forma mais sucinta e menos detalhada. Um dos elementos que tem levado os pesquisadores a optarem pela realização dessa modalidade de entrevista relaciona-se ao fato de que o processo de recolhimento dos depoimentos de história de vida, que são mais pormenorizados, demanda um tempo muito maior, tanto por parte dos depoentes quanto dos pesquisadores (DELGADO, 2006, p. 23).

Valendo-me dessa forma de registro cheguei aos cinco velhos que tornaram possível a efetivação da pesquisa indicada, dentre eles a Dona Yara, optando por realizar entrevistas que trouxessem suas trajetórias de vida, mas que, ao mesmo tempo, enfocassem suas relações com o espaço da cidade/metrópole de Belo Horizonte, desde o período de chegada à cidade até o momento de nossos encontros, uma vez que todos os depoentes entrevistados eram migrantes. Desse modo, pode-se dizer que as entrevistas também privilegiaram certas especificidades no que se refere à orientação de determinadas temáticas, variando consideravelmente de um narrador para outro e delineado para cada um destes uma perspectiva da experiência³.

¹A tese em questão, defendida em Junho de 2013, contou com a orientação do professor Dr. Sérgio Manuel Merêncio Martins, do Programa de Pós-graduação em Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

²Ao longo de toda a pesquisa citada e também nesse artigo, será tomada, deliberadamente, a denominação de “velho” para a referência às pessoas de idade avançada, em detrimento de outras designações, pois, assim como Guite Zimerman defende, tal denominação não tem um caráter depreciativo, pelo contrário, depreciativo torna-se a substituição dessa palavra por eufemismos, “como se ser velho fosse um defeito que devesse ser escondido” (2000. p. x.).

³O entendimento acerca do conceito de experiência em Benjamin tem lastro em uma teoria narrativa. A experiência (Erfahrung), no sentido forte do termo desenvolvido pela filosofia, pode ser associada à possibilidade de compartilhamento de uma tradição por parte de uma comunidade humana. Tradição que é retomada e transformada, em cada geração, na continuidade das palavras transmitidas de pai para filho. O exercício da narração enquanto partilha coletiva de uma memória e de palavras comuns é que confere sentido a

O contato com a Dona Yara, assim como com os demais velhos, se deu a partir de intermediários com os quais interagi por meio da minha participação em movimentos e/ou momentos de debate sobre a temática da velhice ocorridos em Belo Horizonte, durante o período de realização da pesquisa. Ao conhecer irmãs de caridade da ILPI (Instituição de Longa Permanência para Idosos), casa Santa Zita, obtive acesso e um canal de mediação com as internas da casa que pertencem a dois segmentos diferentes: ex-empregadas domésticas e pensionistas. Dentre elas, a primeira interna com a qual estabeleci um diálogo, foi Dona Yara Coelho Sant'Anna, pensionista, migrante de Teófilo Otoni, naquela ocasião com 87 anos, que veio para Belo Horizonte em dois momentos distintos, 1951 e 1980.

O diálogo com a sua narrativa foi realizado no âmbito da tese, no encalço de verificar a possibilidade de realização da experiência na metrópole moderna, à luz da elaboração de Walter Benjamin. Para Benjamin, a narrativa tem uma dimensão utilitária, que é transmitida através de um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio, um conselho. Assim, a relação entre experiência e conselho orienta a reflexão em torno da trajetória de vida de Dona Yara, e permitiu também o estabelecimento de uma relação entre os temas: morte, religiosidade e rituais festivos, que invariavelmente possuem fartos cardápios alimentares, ou seja, “gostos, que enganam a morte”⁴.

Experiência e Conselho

Morrer na atualidade tem seguido determinações que muitas vezes rompem com os rituais que historicamente marcaram esse acontecimento na sociedade brasileira. Envolvida muitas vezes em uma aura misteriosa é possível observar, no entanto, que a partida de um velho no seio da sociedade mineira ainda pode conter elementos que a aproxima de ritos que tradicionalmente estiveram relacionados a esses momentos de despedida e que comportam festividades e/ou cerimônias religiosas.

Verticalizando na pesquisa que deu origem à elaboração teórica aqui recuperada, encontramos na esfera da família de Dona Yara, uma prática religiosa que nos permite tecer estreitas correlações com o tema geral do IV Seminário Sabores Geográficos- morte – espiritualidade – mineiridade, cuja sistematização dos trabalhos apresentados em suas mesas passam a compor esse número especial da revista *Geografias*.

Como consta na narrativa de Dona Yara, três dias antes de morrer, a sua irmã caçula (que também já era velha) realizou um pedido à sua sobrinha, cujo significado relaciona-se ao compartilhamento de uma tradição familiar, cuja temporalidade remete a diferentes gerações, favorecendo, assim, a realização de uma prática de ordem religiosa, festiva e familiar.

Ela pediu, uns três dias antes de morrer, a uma de nossas sobrinhas, que é muito festeira, que não se esquecesse de comemorar, no lugar dela, duas oportunidades, a festa de Santo Antônio, que era tradição na família, por causa da minha avó, que sempre comemorava, e o Natal. De forma que, sábado agora, essa minha sobrinha vai reunir a família toda na casa dela para comemorar Santo Antônio (Depoimento de Dona Yara).

essa experiência. O declínio da experiência (Verfall der Erfahrung) pode ser associado ao declínio da arte de contar no mundo capitalista moderno — no tempo da grande indústria — em detrimento da ascensão da experiência vivida, ou seja, a vivência (Erlebnis), característica do indivíduo solitário. A interpretação aqui resumida é reproduzida com frequência pelos estudiosos da obra de Benjamin e foi sistematizada por Jeanne Marie Gagnebin, no prefácio do Volume I - Obras escolhidas, intitulado: “Walter Benjamin ou a história aberta” (BENJAMIN, 1987. p. 7-19).

⁴O conteúdo desse artigo foi apresentado na mesa redonda Gostos que enganam a morte: espiritualidade, festa e literatura, durante o IV Seminário Sabores Geográficos | Morte - Espiritualidade - Mineiridade, ocorrido nos dias 01 e 02 de junho de 2017, promovido pelo Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista (NPGEOH) do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais.

A trezena é diferente de uma novena, são 13 dias. A trezena, no ano, começa no dia 1º de junho e costuma acabar no dia 13, mas, como nós íamos encerrar no dia 14, começamos no dia 02, para acabar no dia 14. Sábado, dia 14, rezamos o último dia da novena e encerramos a trezena, quer dizer, encerramos a trezena e tem a festa, com alegria, dança, canto e tudo mais (Depoimento de Dona Yara).

O pedido realizado pela irmã de Dona Yara não deve ser compreendido protocolarmente, mas merece uma interpretação que leve em consideração o quanto as solicitações daqueles que estão entre a vida e a morte abrigam sentidos mais amplos que podem ser atrelados ao conceito de experiência, como formulado por Walter Benjamin, a partir da dimensão do conselho.

No ensaio *Experiência e pobreza*, Walter Benjamin (1987, p. 114) questiona: “Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude, invocando sua experiência?”. Ainda que os conselhos advindos das pessoas mais velhas muitas vezes cheguem de forma ameaçadora, esses são compostos por experiências transmitidas na forma de histórias, narrativas, provérbios, que, apesar de estarem em baixa para o contexto da modernidade, assim como Benjamin aponta, não se pode dizer que deixaram de existir. A benevolência dos velhos para com os jovens pauta-se na crença de que a idade lhes ensinará aquilo que eles precisam saber. Tal ideia também foi desenvolvida por Benjamin, no ensaio já citado, pois afirma: “Ele é muito jovem, em breve poderá compreender. Um dia ainda compreenderá” (1987, p. 114).

Partindo dessa elaboração foi possível perceber nas palavras de Dona Yara um forte apreço pela emissão de conselhos para aqueles com os quais convive. Na ocasião ela fazia parte de uma obra assistencial chamada Colmeia, que lidava com adolescentes acolhidas, após serem expulsas de casa por engravidarem. Da força de suas palavras também foi possível entender como a perpetuação de tradições familiares, entre estas as religiosas e festivas, ocorrem por meio de palavras que são proferidas como recomendações, por aqueles que se encontram à beira da morte.

Segundo Jeanne Marie Gagnebin, o ensaio *Experiência e pobreza*, fornece uma noção de experiência (*Erfahrung*) que se circunscreve em uma temporalidade comum a várias gerações, pressupondo uma tradição compartilhada, retomada na continuidade de uma palavra transmitida de pai para filho (1994, p. 66). Tal reflexão é ilustrada, no ensaio, por meio da narração lendária de uma fábula, atribuída a Esopo, que apresenta o conselho concedido por um pai, no leito de morte, a seus filhos, sobre o modo pelo qual estes ficariam ricos. O pai moribundo⁵ diz aos filhos que, em seus vinhedos, existia um tesouro enterrado, os filhos se dedicam à tarefa de procurá-lo e revolvem toda a terra de suas vinhas. Ao final dessa tarefa, não encontram nada, mas, no outono, suas vinhas são as mais produtivas da região. Descubrem, assim, que a riqueza estava nas palavras transmitidas pelo pai (GAGNEBIN, 1994, p. 65).

Algumas das explicações para a utilização que Walter Benjamin faz dessa fábula assumem um caráter moralizante e utilitário e apostam na noção de nobreza do trabalho e do esforço, pois afirmam que a bênção do conselho emitido pelo pai, à beira da morte, aos seus filhos, não estava no ouro do tesouro escondido, mas no trabalho de volver a terra. Segundo Gagnebin (2006, p. 50), o que interessa a Benjamin, nessa descrição, é a encenação da história e não o conteúdo da mensagem transmitida, afinal, o pai promete um tesouro inexistente, pregando uma peça nos filhos, para convencê-los de suas palavras. No entanto,

⁵As palavras agonizantes ou moribundos no âmbito da discussão da experiência a partir de Walter Benjamin, remetem à situação de quem se encontra no leito de morte, ou às vésperas da morte, no limiar entre a vida e a morte.

o verdadeiro sentido de recuperação dessa narrativa deve concentrar-se na representação de que aquilo que o pai fala, no seu leito de morte, é ouvido:

O que importa é que o pai fala do seu leito de morte e é ouvido, que os filhos respondem a uma palavra transmitida nesse limiar, e que reconhecem, em seus atos, que algo passa de geração para geração; algo maior que as pequenas experiências individuais particulares (*Erlebnisse*), maior que a simples existência individual do pai, um pobre vinhateiro, porém, que é transmitido por ele; algo, portanto que transcende a vida e a morte particulares, mas nelas se diz; algo que concerne aos descendentes. (GAGNEBIN, 2006, p. 50)

A tradição que se constitui em fontes para aqueles que se encontram perto da morte, à qual se refere Gagnebin (1994, p. 66), “não configura somente uma ordem religiosa ou poética, mas desemboca também, necessariamente, numa prática comum.” Para Benjamin, a palavra do agonizante tem um caráter importante não porque se refere a algum saber secreto que este tinha a revelar, mas “porque, no limiar da morte, condensava em uma intimidade repentina o mundo vivo e familiar, do outro mundo, inteiramente desconhecido e, no entanto, comum a todos” (GAGNEBIN, 1994, p. 66). Como viajantes, que retornam depois de uma longa ausência, os agonizantes possuem a autoridade suprema que lhes é concedida pela última viagem. Aquela que vem do reconhecimento de que a morte representa o desconhecido e é uma sentença comum a todos, como pronuncia Chicó, personagem do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna:

Cumpriu sua sentença. Encontrou-se com o único mal irremediável, aquilo que é a marca do nosso estranho destino sobre a terra, aquele fato sem explicação que iguala tudo o que é vivo num só rebanho de condenados, porque tudo o que é vivo morre. (SUASSUNA, 1981, p. 134)

É nesse contexto que a Trezena de Santo Antônio se insere na família de Dona Yara como o resultado de um conselho formulado por quem se encontrava no limiar entre a vida e a morte e cuja realização possui um forte acento na tradição religiosa mineira, da qual morrer também faz parte. Essa tradição de ordem religiosa e festiva, de uma família de migrantes do interior e residente na metrópole belorizontina, como não poderia deixar de ser, carrega consigo também um item do cardápio da culinária mineira, a partir da presença de uma quitanda produzida artesanalmente para esse momento, ou seja, os sequilhos denominados Bobis.

Antes porém, de adentrar na descrição do processo de preparação dessa iguaria, feita especialmente para esse momento da festividade religiosa da Trezena de Santo Antônio, considero importante retomar mais um conceito cunhado por Benjamin, posto que esse nos auxilia no entendimento da intensidade em que os processos de transição, como o representado pela morte, tendem a se perder no contexto da vida moderna metropolitana e por consequência, seus rituais característicos.

Em um dos fragmentos da obra *Passagens*, Walter Benjamin se dedica a discussão do conceito de limiar. Encontrado nos ritos de passagem expressos nas cerimônias ligadas ao nascimento, ao casamento, à puberdade e também à morte, atesta para a existência de possibilidades de realização

daquilo que chamou de *experiências limiars* (BENJAMIN, 2006, p. 535). Entender o significado desse conceito parece-me fundamental, nesse contexto de análise da experiência limiar da morte, ocorrida na família de Dona Yara.

A distinção entre o conceito de limiar, soleira, umbral, e o conceito de fronteira, exigida por Walter Benjamin, no fragmento *Ritos de passagem*, que integra o caderno das *Passagens*, denominado *Prostituição, jogo*, (2006, p. 535) é compreensível em função do sentido de transitoriedade que esse primeiro conceito detém e que, por isso, se adapta à reflexão histórica de Benjamin acerca da modernidade. Para Gagnebin (2010, p. 13), a fronteira contém e mantém algo, evitando seu transbordar, ela define limites. A utilização desse conceito, no contexto filosófico clássico, sobretudo a partir de Kant:

[...] determina a tarefa do pensamento como um estabelecer de fronteiras, tanto em proveito de determinação e da diferenciação conceitual, quanto na intenção de proibir ultrapassagens perigosas ou falsas transcendências; trata-se de uma *ascese*, de um exercício de limitação, limitação reconhecida e aceita contra a *hybris* de um pensamento pretensamente totalizante ou contra a *Schwärmerei*, o entusiasmo efusivo, da “*bela alma*”. (GAGNEBIN, 2010, p. 13)

Mas, se, por um lado, a fronteira delimita, o limiar indica o movimento, a ultrapassagem, as passagens, as transições (GAGNEBIN, 2010, p. 13), por exemplo, a transição entre a vida e a morte, como consta no título do artigo de Gagnebin, utilizado para referenciar a análise daqui em diante.

Benjamin adverte que, no contexto da vida moderna, as transições são, cada vez mais, irreconhecíveis e difíceis de vivenciar, pois nos tornamos muito pobres em *experiências limiars* (*Schwellenerfahrungen*). Por meio de sua análise acerca da estrutura temporal da poesia de Baudelaire, observa-se uma crítica à modernidade e o decorrente encurtamento do tempo destinado à realização de experiências de transição, como constata Gagnebin:

Se o tempo na modernidade — em particular no capitalismo — encolheu, ficou mais curto, reduzindo-se a uma sucessão de momentos iguais sob o véu da novidade (como no fluxo incessante de produção de novas mercadorias), então decorre daí uma diminuição drástica da percepção sensorial por ritmos diferenciados de transição, tanto na experiência sensorial quanto na espiritual e intelectual. As transições devem ser encurtadas ao máximo para não se “perder tempo”. O melhor seria anulá-las e passar assim o mais rapidamente possível de uma cidade a outra, de um país a outro, de um pensamento a outro, de uma atividade a outra [...]. (GAGNEBIN, 2010, p. 15)

Já no seu ensaio *O narrador*, Benjamin anuncia as mudanças pelas quais passava a experiência limiar da morte no contexto do século XIX; entre elas, o isolamento dos moribundos advindo do processo de confinamento em sanatórios e hospitais. Assim, uma vez confinados e separados, a experiência coletiva e comunicativa relacionada ao momento da partida passa a não se realizar. Segundo Benjamin (1987, p. 207), é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e, sobretudo, sua existência vivida assumem uma forma transmissível.

De um modo incisivo, a solidão dos moribundos tem sido uma prerrogativa da velhice. A prática de isolar aqueles que estão para morrer não ocorre somente em função da tentativa de prolongar essa fase final de suas vidas por meio dos aparatos tecnológicos da medicina, mas de recalcar o medo do incompreensível e o sentimento de finitude que o contato com os moribundos e com a morte promove. Pois, parte da nossa incapacidade de dar aos moribundos a ajuda e afeição de que precisam quando se despedem, consiste no fato de que a morte do outro é uma lembrança de nossa própria morte (ELIAS, 2001, p. 16). E, por sua vez, essa prática é também uma demonstração de que enfrentamos dificuldades na identificação com os velhos, que, desse modo, devem ficar cada vez mais afastados de nossas vistas.

Norbert Elias, ao desenvolver sua análise sobre o *processo civilizatório* pelo qual a humanidade passou, reconhece o isolamento dos moribundos como parte desse movimento. Esse pensador viveu até os 93 anos e se ocupou desse tema como alguém que também vivenciava o processo de envelhecimento, que, de algum modo, o ligava, afetivamente, a essa comunidade de destino. Comparando a morte nas sociedades modernas com outros momentos históricos, Elias chama atenção para o fato de que a morte não encontrava o indivíduo em condição de solidão porque era menos comum que as pessoas estivessem sozinhas, já que as condições de moradia deixavam poucas escolhas nesse sentido (2001, p. 25). Nascimentos e mortes — como já dito experiências limiares para Benjamin —, eram eventos públicos e mais sociáveis que na atualidade.

Enquanto eventos públicos, tais aspectos animais da vida humana comportavam rituais de sociabilidade que vêm sofrendo alterações. Dentre os rituais ligados à morte que foram esvaziados de sentido e de significados, encontra-se o velório ou “guardamento” do corpo. Deter-me na análise desse ritual assume um sentido quando detectado o fato de que ele promovia uma interação social e reforçava laços de solidariedade, pautados, entre outros aspectos, nas trocas de narrativas entre os que se encontravam presentes nesse momento. Essas narrativas possibilitavam que a memória do morto se misturasse à dos vivos, em um processo de intensa troca. O encurtamento do tempo destinado aos velórios pode ser considerado uma das representações do empobrecimento dos processos de transição aos quais aludi anteriormente. Invariavelmente esses momentos também possuíam um cardápio alimentar, afinal, a vigília sempre era extensa e a fome se fazia presente. A realização da vigília junto à família era seguida de manifestações de sentimentos expressos em palavras e gestos, como a possível oferta de gêneros alimentares. Assim, vizinhos e parentes se encarregavam de ofertar fontes de alimentação para aqueles que solidariamente se dispusessem a pernoitar no velamento do corpo. Não obstante a prática de beber o morto também apresentava a cachaça como elemento indispensável desse ritual, em determinadas localidades.

O ritual fúnebre, relatado por entrevistados velhos, na pesquisa realizada por Marisete Hoffmann-Horochovski, do qual o velório fazia parte, ocorria na casa do próprio morto e era sempre seguido de várias ações, dentre as quais, parar o relógio na hora exata da morte, cerrar as cortinas e cobrir os espelhos. Tais ações tinham a intenção simbólica de interromper o tempo (HOFFMANN-HOROCHOVSKI; RASIA, 2011, p. 1120).

Norbert Elias e Marisete Hoffmann-Horochovski, são enfáticos ao descrever como as condolências passam a dispensar o contato corporal e a assumir um caráter comedido e impessoal mais recentemente. De

acordo com a autora, o velório se torna mais curto e, agora, por questões de segurança, não ocorre mais à noite. Em algumas capitais, nota-se que o cortejo fúnebre, antes realizado no espaço público, passa a ocorrer somente dentro do cemitério, pois administrar tal acontecimento social, em meio ao trânsito metropolitano, não parece ser mais possível.

Essa discussão também pode ser realizada tomando-se como referência a compreensão das mudanças ocorridas ao longo do processo de transição de uma cidade à categoria de metrópole. Nesse percurso, os rituais que envolvem o morrer também foram inseridos na lógica mercadológica, que passa a determinar os ritmos e os formatos desse acontecimento. Os rituais que, antes, eram organizados pela vizinhança, parentela, amigos, passam a ser regidos por empresas, para aquele segmento da população que pode pagar por esse serviço.

Mas, se, para a pesquisadora mencionada, os rituais envolvendo o velório, que já foram citados, representavam, de algum modo, uma tentativa de marcar a transição assinalada pela morte, para Elias (2001, p. 36), tais práticas tornam a morte menos tratável enquanto um problema humano e social que as pessoas devem resolver entre si e para si. Para este, a tradicional aura de mistério que cerca a morte resulta de gestos mágicos, tal como esse de parar o relógio, sendo necessário um descortinar dessa aura enigmática que o fim da vida possui: “A morte não tem segredos. Não abre porta. É o fim de uma pessoa. O que sobrevive é o que ela ou ele deram às outras pessoas. O que permanece nas memórias alheias” (ELIAS, 2001, p. 77).

Encarada como parte constitutiva da modernidade, a medicalização da saúde, de certo modo considerada até perniciosa e que envolve, entre outras coisas, o confinamento dos moribundos, faz parte do contexto de ampliação da indústria da medicina, nos termos de uma verdadeira empresa médica. Ivan Illich, crítico da sociedade industrial e das instituições da cultura moderna, não se eximiu de incluir a medicina em suas análises. Dentre os temas ligados à medicina aos quais ele se dedicou, encontram-se o do escamoteamento da morte e o da alienação da dor. A sua reflexão sobre os significados da morte ao longo dos séculos realiza-se a partir da elucidação de como a marcha da civilização médica, levada a cabo pelos países avançados, se encarregou de implantar nova imagem para esse acontecimento.

Imagem centrada no combate da morte por parte do saber médico: uma conquista, ou uma perda? Para o velho, sem dúvida nenhuma, a possibilidade de chegar à velhice, em muitos casos, passa por essa busca incessante da medicina em estender a vida em meio às intempéries de doenças por vezes controláveis. Um bom exemplo disso encontra-se no controle da hipertensão, através da utilização diária de medicamentos, que, no recente cenário político-nacional, fizeram parte de programas de saúde pública e foram distribuídos gratuitamente. É ingênuo e perverso negar as conquistas modernas da medicina que possibilitaram o prolongamento da vida dos velhos e a sobrevivência das crianças, por exemplo, através da invenção de vacinas. As pesquisas sobre o impacto da imunização proveniente da vacinação dos idosos contra gripe, que acontece anualmente no Brasil, não deixam dúvidas sobre esse avanço. Além da redução do número de casos de gripe, decorre dessa iniciativa também uma redução da taxa de mortalidade e do número de hospitalizações desse segmento da população. A crítica de Illich, no entanto, se endereça aos mecanismos de prolongamento da vida, quando estes se dedicam à prorrogação de uma sobrevida. Mais interessante do que a sua análise sobre a morte são suas ricas reflexões sobre a alienação da dor, constituindo uma

importante contribuição para a discussão sobre a interdição da experiência na sociedade moderna, decorrente do declínio do contato com os moribundos.

Discursando para além do aspecto orgânico da dor, Illich adverte que a palavra dor encontra-se medicalizada “por seu emprego profissional e se reduz à designação da parte do sofrimento sobre o qual o médico pode afirmar sua competência ou controle”. (ILLICH, 1975, p. 131). Desse modo, vincula-se a medicina a uma função analgésica da dor. Os desdobramentos dessa concepção estão para além da aparente fuga da dor física que uma primeira leitura desse processo pode indicar. Em uma perspectiva sociológica, pode-se inferir que a busca pela analgesia da dor resvala na negação do enfrentamento da dor do outro.

Regredindo de um processo de dor coletivo para o âmbito mais familiar, é possível dizer que a falta de contato com aqueles que estão para morrer se insere também nesse contexto de negação do processo de dor que, por vezes, cerca aqueles que se encontram nessa condição, sobretudo nos países de cultura ocidental. Também o sentido de assepsia a que a morte aspira se encarrega de nos afastar dos moribundos, como alerta Nobert Elias. Em uma sociedade onde foi inculcada grande sensibilidade aos cheiros fortes, o mau cheiro característico da decadência do organismo humano, no processo chamado morte, impede que lidemos com a solidão e frieza que esse momento impõe aos que partem (ELIAS, 2001, p. 101-102). Frieza intuída por Gilberto Gil, ao compor: “Morrer deve ser tão frio quanto na hora do parto”.

Retornando ao diálogo mais próximo com a trajetória de vida de Dona Yara e ainda sobre a sua descrição da tradição familiar da Trezena de Santo Antônio, reconheço, na atitude de colocar os retratos dos parentes falecidos no altar erguido em devoção a Santo Antônio, uma tentativa de presentificar o passado e seus mortos através dessas imagens. Referindo-se a sobrinha que ficou encarregada de dar vida ao pedido da irmã caçula de Dona Yara, ela afirma: “Ela armou o altar [...] e no altar ela botou quatro retratos, quatro quadros iguais, da minha avó, da minha mãe, da irmã mais velha e da mais nova, que já faleceram. Nossa, aquilo estava comovente” (Depoimento de Dona Yara).

Rosângela Rennó, artista plástica mineira, tem dedicado parte de sua obra ao uso de fotografias já existentes que representam, entre outras coisas, o universo de imagens presentes em álbuns e fotos de famílias. Rennó, referindo-se a sua pesquisa a partir de arquivos de imagem jornalística, pontua que foi comum encontrar fotografias das pessoas carregando as fotos dos filhos ou maridos desaparecidos. Assim, a mulher que dá o depoimento sobre um filho morto pela violência urbana, por exemplo, fez questão de se fotografar com a imagem do filho. Às vezes, vê-se a família inteira ao lado do retrato do filho morto ou desaparecido (RENNÓ, 2003, p. 10). A meu ver, esse gesto pretende trazer o morto à existência coletiva. A foto dentro da foto remete a uma presença da ausência e, ao mesmo tempo, a ausência de uma presença, ou seja, configura-se como um rastro (*spur*), outro conceito importante na obra benjaminiana. De modo semelhante, os rastros memorialísticos dos parentes falecidos de D. Yara estiveram presentes por meio de suas fotos colocadas no altar.

As ausências que se configuram a partir de elementos concretos como as fotografias também se materializam em parte do cardápio que compõem a narrativa da Trezena de Santo Antônio, mais especificamente, através do biscoito Bobis, um suporte mnemônico que remete a muitos dos parentes ausentes nessa festividade familiar de Dona Yara.

Os biscoitos Bobis enquanto recurso mnemônico

Outra interlocução com a narrativa de Dona Yara, relaciona-se com a sua descrição do processo de produção de uma quitanda típica da festa de sua família, os Bobis, nome dado aos biscoitos sequilhos que foram feitos para a Trezena de Santo Antônio. A comida, em se tratando de rituais familiares, guarda um componente memorialístico que perpassa diferentes experiências limiars, entre elas as ligadas à morte e seus rituais típicos ou decorrentes.

Especificamente sobre estes biscoitos, seria impossível em um trabalho que se propõe a dialogar com o filósofo Walter Benjamin, não relacioná-los aos bolinhos *madeleines*, exemplar recurso mnemônico⁶ através do qual a literatura de Marcel Proust ficou marcada e cuja análise é realizada por Benjamin (1987), no texto *A imagem de Proust*.

Os bolinhos em questão fazem parte de um recurso da memória involuntária, *mneme*, que corresponde à evocação de uma lembrança decorrente do contato com qualquer objeto material. Em um dos volumes da obra de Proust, *A la recherche du temps perdu*, ao mergulhar o bolinho em uma xícara de chá, a personagem se lembra do tempo em que morou no campo, quando ainda era criança. Walter Benjamin afirma que para descrever essas lembranças, Marcel Proust, utiliza um significativo número de páginas, ao qual podemos chamar de um trabalho de memória.

De acordo com Benjamin (1987, p. 37), sabemos que Proust “não descreveu uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada, por quem a viveu”. O tecido dessa lembrança torna-se mais importante do que o que foi vivido, pois “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o lembrado é sem limite, porque é apenas a chave para tudo o que veio antes e depois” (BENJAMIN, 1987, p. 37).

Para avançar nessa discussão recupero o pequeno texto de Benjamin, *Omelete de amoras*, na minha avaliação, o mais belo texto desse autor. Apesar de acreditar que qualquer resumo desse texto seja redutor do prazer decorrente de sua apreciação, realizo um exercício na tentativa de resgatar os fatos por ele apontados. A velha história ali contida apresenta um rei que pede a seu cozinheiro que lhe prepare uma omelete de amoras, tal qual ele havia experimentado na sua mais tenra infância, quando seu pai, travando guerra contra seu vizinho, é derrotado e tem de fugir levando-o consigo. Após uma fuga que durou muitos dias, estes chegam a uma floresta escura e perambulam por ela quase a morrer de fome e fadiga. Por fim, encontram uma choupana e uma velha senhora que os abriga e lhes oferta, generosamente, a omelete de amoras. Anos depois, quando se recorda da omelete e procura a velha por todo o reino, não a encontra, nem qualquer outra pessoa que soubesse preparar tal refeição. Desse modo, oferece ao cozinheiro do palácio o seu reino como herança e também a sua filha, caso ele conseguisse lhe preparar essa omelete. Mas, caso não o conseguisse, deveria morrer. A resposta que o cozinheiro dá merece transcrição literal:

Então o cozinheiro disse: — Majestade, podeis chamar logo o carrasco. Pois, na verdade, conheço o segredo da omelete de amoras e todos os ingredientes, desde o trivial agrião até o nobre tomilho. Sem dúvida, conheço o verso que se deve recitar ao bater os ovos e sei que o batedor feito de madeira de buxo deve ser sempre girado para a direita, de modo

⁶Recentemente, a animação *Ratatouille*, da Disney/Pixar, trouxe para o cinema a temática da culinária. Nessa produção, observamos claramente uma atualização da função mnemônica associada à comida. É possível recordar, dessa história, o momento em que o crítico de culinária, Anton Ego, temido pelos restaurantes franceses pelo seu juízo implacável, rende-se aos encantos de um prato que lhe foi servido no restaurante onde se passa a história. O prato se chama *Ratatouille*, nome da própria animação, e refere-se ao nome de uma comida francesa semelhante a um guisado de legumes, feito pelas mulheres do interior. Ao experimentá-lo, Anton se vê transportado para o tempo da sua infância e a reconfortante comida de sua mãe. Algo que surpreende positivamente o renomado crítico gastronômico.

que não nos tire, por fim, a recompensa de todo o esforço. Contudo, ó rei, terei de morrer. Pois, apesar disso, minha omelete não vos agradará ao paladar. Pois, como haveria eu de temperá-la com tudo aquilo que, naquela época, nela desfrutastes: o perigo da batalha e a vigilância do perseguido, o calor do fogo e a doçura do descanso, o presente exótico e o futuro obscuro. — Assim falou o cozinheiro. (BENJAMIN, 1995, p. 219-220)

O início desse texto já anuncia a quem ele se destina, ou seja, aqueles que procuram restituir uma anterioridade perdida através de um recurso mnemônico materializado em gostos, olfatos, paisagens e etc. Nesse caso especificamente, percebe-se a associação entre a memória e um tipo de comida: “Esta velha história, conto-a àqueles que agora gostariam de experimentar figos ou *Falerno*, ou *borscht* ou uma comida camponesa de Capri” (BENJAMIN, 1995, p. 219).

Paulo Oliveira, ao analisar esse texto, revela que é ilusória a suposição de que o passado pode ser restaurado integralmente. Ilusão que acomete o rei da história contada. Para Oliveira:

[...] a reposição de uma anterioridade perdida não se faz na história com a originalidade dos mesmos percalços e encantos. Quando ela se dá, aparece noutra feitio, de maneira recriada, comportando novos significados. Isso quer dizer que à reversibilidade do tempo corresponde igualmente a sua redefinição. (OLIVEIRA, 1999, p. 42)

Desse modo, a narração de Dona Yara sobre os Bobis se inscreve nesse mesmo processo de tessitura da memória que toma de sobressalto o rei da história da omelete. Ao falar sobre os biscoitos produzidos para a Trezena de Santo Antônio revive sua saudade sem qualquer possibilidade de retorno ao tempo passado. Mesmo que os biscoitos da trezena tivessem sido produzidos com a manteiga da fazenda, com o leite espremido do próprio coco, com o polvilho feito pela avó, não se assemelhariam nunca aos que eram feitos pela sua avó, reclamação feita pelo seu irmão e retificada pela depoente:

Meu irmão falou: “Ah, mas não está igual ao da minha avó”; eu disse: “Mas o da minha avó era feito com manteiga da fazenda, com leite de coco, coco ralado e espremido na hora.” Eu fiz com coco de vidrinho, então dá sempre uma diferença, realmente. Os ingredientes, conforme a origem deles... o polvilho, minha avó fazia, minha mãe fazia. Era polvilho de roça, não era esse polvilho industrializado, sempre tem uma diferença... (Depoimento de Dona Yara).

O momento de preparação dos biscoitos se aproxima do modelo de produção artesanal, uma vez que são bem pequeninos e feitos um a um. Destinados à tarefa de preparação dos biscoitos, ocorreram encontros dos irmãos, que favoreceram o ato narrativo, conforme o relato: “Enquanto ia fazendo, ia conversando, toda hora chegava um, falava uma coisa, foi muito bom. Foi tudo muito bom, foi muita coisa lembrada, muita coisa recordada. Só de modo alegre” (Depoimento de Dona Yara).

Ainda que esses encontros tenham sido ricos em memórias, cheios de afeto, carregados dos sentimentos causados pela saudade, estes não presentificam

o passado. Os sentimentos partilhados, nesse momento de festa, recolocam para a família aquilo que foi ouvido no passado, princípios de uma polifonia que perpassa a memória. Mas estes não retornam o tempo em que a avó, o pai e a mãe de Dona Yara eram vivos. Não restitui a presença das conversas depois do jantar, durante as quais eles eram testados e preparados para a vida, na sua firmeza de opiniões.

O papai era um homem muito inteligente, às vezes, depois do jantar, nós tínhamos o hábito de reunir e ficávamos conversando, e, às vezes, surgia um assunto qualquer, podia ser política, podia ser uma notícia de jornal, um acontecimento na cidade, e nós ficávamos discutindo. E o papai, às vezes, dava um palpite, contrariando nossa opinião, e, às vezes, ele contrariava a opinião de todo mundo. Um dia, a mamãe reclamou: “Mas, espera, você está do contra, tudo que eles falam você reclama.” Ele riu e disse assim: “Não, eu estou concordando com eles, mas eu estou contestando para ver a firmeza de opinião que eles têm, porque eu não quero criar filhos *Maria vai com as outras*” (Depoimento de Dona Yara).

Essas e outras percepções só são dadas a viver, na família de Dona Yara, por meio das lembranças, que podem ser compartilhadas como dádivas dos mais velhos para aqueles que ainda são jovens.

Quanto ao que aconteceu com o cozinheiro da história da omelete, conta-se que o rei, após ouvir a sua resposta e permanecer um longo tempo em silêncio, deve tê-lo destituído de seu serviço, rico e carregado de presentes.

- BENJAMIN, Walter. A imagem de Proust. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.36-49. (Obras escolhidas, v.1).
- _____. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.114-119. (Obras escolhidas, v.1).
- _____. O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.197-221. (Obras escolhidas, v.1).
- _____. Omelete de amoras. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. 5.ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.219-220. (Obras escolhidas, v.2).
- _____. Passagens. In: BOLLE, Willi; MATOS, Olgária (Orgs.). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.
- DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. (Leitura, Escrita e Oralidade).
- ELIAS, Nobert. *A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Entre a vida e a morte. In: OTTE, Georg; SEDLMAYER, Sabrina; CORNELSEN, Elcio. (Orgs.). *Limiares e passagens em Walter Benjamin*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010. p.12-26. (Coleção Humanitas).
- _____. *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva/FAPESP; Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994. (Coleção Estudos, v.142).
- _____. *Memória, história e testemunho*. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. p.49-57.
- _____. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.7-19. (Obras escolhidas, v.1).
- H O F F M A N N - H O R O C H O V S K I , Marisete Teresinha; RASIA, José Miguel. *Rituais fúnebres em memórias de velhos*. Horizonte, Belo Horizonte, v.9, n.24, p.1.120, dez. 2011.
- ILLICH, Ivan. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Vidas compartilhadas: cultura e co-educação de gerações na vida cotidiana*. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 1999.
- RENNÓ, Rosângela. *Rosângela Rennó: depoimento*. Belo Horizonte: C/Arte, 2003.
- S U A S S U N A , Ariano. *Auto da Compadecida*. Rio de Janeiro: Agir, 1981.
- ZIMERMAN, Guite. *Velhice: aspectos biopsicossociais*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.